

Sarney pede para esquecer o choque

“Pelo amor de Deus, esqueçam esta idéia de congelamento”. O apelo foi feito ontem pelo presidente José Sarney, através do senador Marcondes Gadelha, líder do PFL no Senado. Sarney pediu para Gadelha enfatizar que não existe nenhuma hipótese de um congelamento de preços, porque esta idéia não passa por nenhum gabinete do Governo e não empolga do ponto de vista político. Por outro lado, a iniciativa dos empresários e dos trabalhadores de São Paulo, no sentido de buscar um pacto para combater a inflação, foi recebida com muito entusiasmo pelo Governo, que pretende criar todas as condições para facilitar o entendimento entre o capital e o trabalho.

O problema da inflação foi analisado ontem pela manhã pelo presidente Sarney, pelo ministro-chefe do Gabinete Ci-

vil da Presidência da República, Ronaldo Costa Couto, e pelos líderes do Governo e do PFL no Congresso Nacional, durante reunião no Palácio da Alvorada. “O Governo está preocupado com a inflação. Agora, também está consciente do trabalho que está fazendo”, comentou Gadelha, para observar que a alta taxa inflacionária registrada no mês passado não abala a convicção do Governo no tratamento que está sendo dado.

O líder do PFL enfatizou que a “execução orçamentária está sendo feita com extremo rigor”, e o Governo não tem nenhuma dúvida de que, em 1988, o déficit público vai ficar em 4 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), conforme as metas traçadas pela área econômica. Para o próximo ano, o Ministério da Fazenda espera reduzir esse número para apenas

dois por cento do PIB. “Isso é condição necessária e suficiente para fazer a inflação voltar a termos civilizados”, comentou Gadelha. Para ele, a alta taxa inflacionária registrada no mês passado foi decorrente da seca nos Estados Unidos, que elevou o preço dos produtos primários.

LOURENÇO

“O Governo não vai tomar nenhuma medida de choque”. Essa garantia foi dada ontem pelo deputado José Lourenço, líder do PFL na Câmara, após reunião, de quase três horas com o presidente José Sarney, no Palácio da Alvorada.

Segundo o deputado, o presidente está preocupado com a inflação, “mas posso garantir que se tem o absoluto controle da situação”, frisou.

Boatos não assustam empresários

Da Sucursal

São Paulo — Foi um dia cheio de boatos, versões, rumores, interpretações e dos inevitáveis “informes” sobre o começo do processo de fritura do ministro Mailson da Nóbrega. Os empresários ouvidos a respeito não levaram a sério a possibilidade, enquanto tratavam de encontrar, no seu próprio quintal, uma saída diante do maremoto que se avizinha, com a inflação ameaçando fugir do controle oficial.

O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo Rocha Azevedo, apregoava a urgência de “sentarmos na mesa para avaliar os compromissos comuns e fixar soluções”, e alertava o Governo para o risco do agravamento da situação, a partir do descrédito na política econômica, suscitado pelas ta-

xas inflacionárias. De fato, já existem, no mercado, agentes econômicos operando com previsões ainda mais sombrias de inflação. Chega-se a apontar para índices de até 20 por cento, o que, no entender de alguns empresários, configuraria o princípio do caos, e levaria fatalmente à fritura do ministro da Fazenda.

Ao contrário do que aconteceu com os ex-ministros Dilson Funaro e Bresser Pereira, o exagero das previsões inflacionárias não reflete a latente ou declarada intenção de minar as resistências do ministro Mailson da Nóbrega. O atual ministro conta com sólidos núcleos de apoio nos segmentos empresariais paulistas, que preferem atribuir à indecisão do Governo como um todo, no capítulo do combate ao déficit

público, a responsabilidade pelo atual quadro inflacionário.

As lideranças empresariais sabem que a eventual queda do ministro da fazenda, em não resolver o problema, criaria novos focos de inquietação e ansiedade, corporificados, sobretudo, na ameaça de um novo congelamento de preços, assunto considerado maldito na categoria.

Dessa ameaça, Mailson da Nóbrega tratou logo cedo de livrá-los, e, em parceria com o ministro João Batista de Abreu, vem resistindo às pressões originadas das classes políticas, mais interessadas em colher votos nas urnas, em novembro próximo, do que sustar para valer a elevação generalizada de preços.